

Subjetividades... a obscura realidade atrás das grades

Subjectivities ...the obscure reality behind bars

Marciene Rita da Silva de Amorim

Mestre em Estudos Fronteiriços; Patronato Penitenciário, Corumbá, MS, Brasil;
marcienerita@hotmail.com

Varella, Antônio Dráuzio. (2017). *Prisioneiras*. São Paulo: Companhia das Letras.

O autor nascido há três de maio de 1943 é médico oncologista, cientista e escritor brasileiro, formado pela Universidade de São Paulo (USP), é conhecido por divulgar informações médicas no Brasil através dos meios de comunicação. Autor de várias obras publicadas dentre elas: *Nas Ruas do Brás* (2000), *Macacos* (2000), *Florestas do Rio negro* (2001), *De braços para o alto* (2002), *AIDS* (2009), *A teoria das janelas quebradas* (2010), *Correr* (2015), dentre outras relevantes.

Especificamente voltadas à realidade prisional brasileira foram publicadas três obras: *Estação Carandiru* (1999), *Carcereiros* (2012) e *Prisioneiras* (2017) que tiveram origem do relevante serviço do autor como médico voluntário nos presídios na cidade de São Paulo durante vinte e oito anos e dessa experiência escreveu obras que retrataram a vivência prisional manifestando o seu lado humano e realista cuja intenção é conduzir de forma expressiva o leitor a enxergar a dinâmica da prisão de forma real sendo esta permeada por preconceito, violência, abandono dentre outros fatores, e não como se imagina fora das grades. Com sua escuta no presídio feminino retratou as mulheres na prisão nascendo então, a obra “*Prisioneiras*”.

A realidade prisional assim evidenciada em “*Prisioneiras*” que foi lançada em 10 de maio de 2017 fazendo parte do último volume da trilogia literária sobre o sistema penitenciário brasileiro estando constituída de uma apresentação, quarenta títulos e um epílogo totalizando duzentos e setenta e sete páginas. Cada título relata de maneira descritiva a realidade prisional no presídio feminino na capital do estado de São Paulo nos anos de 2006 a 2017 rememorando os últimos onze anos de atendimento médico do autor na unidade prisional feminina com mais de duas mil mulheres.

A obra escrita em primeira pessoa e de forma clara, sem julgamentos, realística e detalhada enfoca a vivência diária em que as prisioneiras são as protagonistas de um

mundo em que não é relatado fora das grades e cuja dinâmica é movida pelas especificidades que somente ocorrem naquele ambiente de reclusão. A profundidade e o olhar humano em que é descrita a vivência no presídio feminino da capital de São Paulo cria uma imagem dessa realidade de sofrimento, solidão, desesperança, descaso, criminalidade.

“Prisioneiras” inicia-se com a chegada do autor para prestar seu serviço médico voluntário na prisão que até então era masculina e passou a ser espaço de presas, após a implosão do presídio do Carandiru, e com o aumento de mulheres que superlotavam as prisões existentes no estado naquela época, deslocaram-se então para o que se transformou no presídio feminino do estado de São Paulo. Depara-se com o ambiente prisional diferente da prisão masculina em que os problemas de saúde eram muito diferentes, porém as experiências se assemelhavam como o grande número de doentes à espera de atendimento e busca de satisfação de se ir à consulta meramente para se fazer exames ou mesmo para se deslocar fora da cela.

A obra alça voo em seus quarenta títulos trazendo ao leitor a visão de uma penitenciária feminina, como a estrutura física do prédio, descrição do local de atendimento médico, quem são e como trabalham as agentes penitenciárias, a rotina diária desde que acordam, a saída para trabalhar internamente até o recolhimento às celas, a rotina das que não saem para trabalhar permanecendo em suas celas, o convívio diário entre as prisioneiras podendo ser pacífico ou com conflitos, a comunicação verbal ou não entre as prisioneiras e suas simbologias, os discursos inocentes ou de envolvimento narrado nas consultas sobre a autoria dos crimes praticados.

O autor evidencia a trajetória criminógena, a solidão, devido abandono de seus familiares, afastamento abrupto de filhos e do descaso da própria sociedade, a complexidade da homossexualidade vivenciada entre as presas, a violência sexual sofrida antes da prisão narrada de forma profunda ao leitor. A multiparidade, consumo de substâncias psicoativas, precocidade no crime são relatados na vivência no cárcere feminino em que muitas vezes é melhor estar presa a viver na rua sob a dependência maciça da droga e no submundo diário do crime.

“Prisioneiras” mostra que o custo de vida numa cadeia feminina não sai de graça. Tudo tem seu preço quando não se tem família que as sustentem na prisão. Tratar de hierarquia entre as prisioneiras é estabelecer o processo de competição e seleção natural,

mas o aspecto emocional tem o mesmo peso da racionalidade, porém mais flexível comparada às regras nas prisões masculinas.

As leis que regem a vida na prisão diferente das normas das sociedades democráticas são impostas de imediato quando há descumprimento das regras com o fiel objetivo de impor a ordem e não deixar disseminar a barbárie. Há um código de leis não escrito que rege as prisioneiras. O Primeiro Comando da Capital (PCC) se faz presente entre algumas prisioneiras que fazem parte da facção mostrando que lideram a massa carcerária e fora do presídio.

Um dos títulos abordados pelo autor fala sobre a solidão em que passa uma prisioneira no cárcere em decorrência de ser abandonada pelos seus vínculos familiares conforme narra (Varella 2017):

Maridos e namorados são os primeiros a ignorá-las. Não aparecem, não escrevem e nem atendem telefonemas quando desconfiam que a ligação clandestina venha do presídio. Não hesitam em abandonar mesmo as que foram presas por ajudá-los, como no caso das que são flagradas com drogas na portaria dos presídios masculinos em dia de visita. (Varella, 2017, p.41).

Depreende-se desse trecho que a mulher continua sendo relegada e explorada numa sociedade ainda considerada machista, embora o avanço de conquistas de direitos femininos continue a ocorrer. Por outro lado o abandono num mundo carcerário pode levar até certo ponto a um abalo psicológico haja vista que não estão mais em suas rotinas diárias quando em liberdade podendo ocorrer até mesmo a perda de suas identidades.

Quando se fala nos transtornos psíquicos produzidos pela prisão, imediatamente se pensa na desumanidade do regime celular. Mas não imagine que apenas o regime celular foi maléfico, pois igualmente o é a prisão fechada contemporânea. A ausência de verdadeiras relações humanas, a insuficiência ou mesmo a ausência de trabalho, o trato frio e impessoal dos funcionários penitenciários, todos esses fatores contribuem para que a prisão se converta em meio de isolamento crônico e odioso. (Bitencourt, 2001, p.201).

Conforme menciona (Varella 2017, pág. 39) “Isolar a mulher na cadeia por anos consecutivos causa distúrbios de comportamentos, transtornos psiquiátricos e dificulta a ressocialização”. Segundo (Goffman 1992) a prisão, como qualquer instituição total tende a mortificar o eu. Uma pessoa estabelece uma concepção de si mesma através de disposições sociais estáveis presentes em seu mundo doméstico. Quando alguém entra na prisão é imediatamente privado de tais disposições, além de expor a pessoa a “uma série de rebaixamentos, degradações, humilhações e profanações do eu” assim aduz (Goffman 1992).

Outro tema de crucial importância na prisão feminina abordado é sobre álcool, maconha e cocaína: “Ainda está para ser criada a cadeia livre de drogas ilícitas” retrata

(Varella 2017, p.55). Esse trecho nos leva a refletir em como se falar em ressocialização quando há a presença de substâncias psicoativas que impedem um tratamento adequado ou mesmo há tratamento na maioria das prisões brasileiras para o vício em substâncias psicoativas? Trata-se de uma realidade que merece atenção do Estado e de toda a sociedade.

Há que se mencionar outro tema que nos leva a refletir é sobre a precocidade na criminalidade quando o autor expõe: “ Ia fazer catorze anos quando o tio mais velho perguntou que presente de aniversário gostaria de ganhar.– Participar de um assalto com vocês”, (Varella 2017, p. 217). Esse trecho é consequência de uma sociedade em que é visível a pobreza, famílias desestruturadas e inversão de valores, baixo grau de escolaridade, falta de saneamento básico, acesso precário a serviços de saúde e um número extenso de jovens sem perspectiva de vida. Quando se trata do sexo feminino, desde cedo muitas ficam grávidas e abandonam os estudos e algumas mulheres como alternativas de mudanças de vida ou fuga de suas realidades utilizam-se de drogas ou ingressam no submundo do crime.

Há que se pensar em políticas públicas que atendam de forma mais eficiente e eficaz nossas crianças e jovens resgatando-lhes valores e os incentivando a uma cultura de paz realizada por equipe multiprofissional em serviços entrelaçados com órgãos responsáveis pelos direitos das crianças e dos adolescentes. “Prisioneiras” é uma obra que mostra o que não é visto fora das grades, mas que tem suas origens antes delas e que nos apresenta as subjetividades humanas, e porque não mencionar, as mazelas humanas, em que o autor trouxe através de sua experiência como médico numa unidade prisional, a descrição desta realidade esquecida por detrás das tipificações penais no cárcere feminino.

Por se tratar de um contexto que deve ter o olhar acurado do Estado recomendo sua leitura aos profissionais das ciências da área humana e de modo geral a todos que estão engajados por um mundo em que preconize a humanização e o acesso de fato e de direito de forma igualitária às políticas públicas objetivando primeiro prevenir a criminalidade e conseqüentemente a vida obscura atrás das grades.

Referências

- Bitencourt, C. R. (2001). *Falência da pena de prisão - causas e alternativas*. 4. ed. São Paulo: Saraiva.
- Goffman, E. (1992). *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva.
- Varella, A.D. (2017). *Prisioneiras*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Varella, A.D. (2017). *Carcereiros*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Varella, A.D. (2015). *Correr: o exercício, a cidade e o desafio da maratona*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Varella, A.D. (2010). *A teoria das Janelas Quebradas*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Varella, A.D. (2002). *De braços para o alto*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Varella, A.D. (2000). *Nas ruas do Brás*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Varella, A.D. (2000). *Macacos*. São Paulo: Publifolha.
- Varella, A.D. (1999). *Estação Carandiru*. Companhia das Letras.
- Varella, A.D., & Jardim, C. (2009). *Draúzio Varella: AIDS- Coleção Doutor*. São Paulo: Gold.
- Varella, A.D., Oliveira, A.A., Daly, D.C., & Almeida, H. (2001). *Florestas do Rio Negro*. São Paulo: Companhia das Letras.

Enviado em: 24/07/2020

Aceito em: 24/11/2020